

O HOMEM DA PRAÇA

Eu andava louco para ir brincar na praça. Já tinha adiantado a lição, por isso fui logo dizendo para minha mãe:

– Mãe, vou dar um pulo na pracinha, tá?

– Olhe lá, hein, Paulinho? Tome cuidado! – minha mãe pediu.

Atravessei a rua e corri para a praça. Estava com muita vontade de brincar no balanço, bem alto. Se tivesse sorte, ele estaria livre só para mim.

Cara de sorte. Lá estava o meu lugar preferido.

Assim que dei o primeiro impulso, vi um grupinho se formando em volta de alguém. Desci do balanço e corri para ver o que estava acontecendo.

Cheguei bem perto. As outras crianças do parque já estavam ao redor.

– Coitado! – uma menina disse.

– Coitado, nada. Você não está vendo que ele bebeu? – um menino mais velho, mais alto e mais chato disse, fazendo cara de nojo.

– Dá para sentir o cheiro de bebida. – disse outra criança, esticando o pescoço.

– Parece que bateu a cabeça quando caiu... – outro observou.

– Vamos, vamos... Isto aqui não é circo! – disse um homem de uniforme enquanto espantava as crianças. Acho que era o vigilante da praça.

Eu estranhei aquilo tudo. E se o homem caído no chão não tivesse bebido? E se tivesse bebido e passado mal? Não deveria ser socorrido mesmo assim?

– Moço – eu disse ao homem de uniforme –, ele está com a cabeça machucada. O senhor não pode fazer nada?

O homem levou um susto. Acredito que ficou pensando quem eu era para lhe dizer aquilo.

– Ande, menino! Olhe lá a sua mãe chamando – ele disse, apontando.

– Minha mãe está em casa... – Eu até cheguei a olhar. Acho que ele queria desconversar.

– Mas, moço – eu não desisti –, a cabeça dele está sangrando. Lá na minha escola, eu aprendi que a gente tem que ser soli... soli...

– Solidário – ele completou, meio sem jeito.

– É. Solidário. E ele está precisando de ajuda.

O homem olhou em volta. As outras crianças já tinham saído. Ninguém estava por perto, a não ser eu... um menino chato. Aposto que era isso que ele estava pensando. Então, eu insisti:

– E se a gente ligasse para aquele número que aparece na televisão e pedisse socorro?

Ele riu.

– Está bem, garoto, vamos dar um jeito. Vou ligar para o hospital municipal e pedir uma ambulância... – Ele tirou o celular do bolso.

A ambulância demorou um pouco, mas chegou. Fez um barulhão danado, e um monte de gente apareceu na rua pra ver o que estava acontecendo. Colocaram o homem dentro da ambulância e foram embora. Parecia até um filme.





Procurei o homem do uniforme, mas ele já havia ido embora.

Voltei para casa e contei para a minha mãe o que tinha acontecido.

– Sabe, Paulinho, isso me lembra a parábola do “bom samaritano” – ela disse, enxugando as mãos.

– Quem? – fui logo querendo saber.

– Vou contar para você...